

ESPAÇOS TURÍSTICOS EM CIDADES: PERSPECTIVAS CONCEITUAIS E TEÓRICAS PARA UM ESTUDO EXPLORATÓRIO NO LITORAL DO PARANÁ

Maria Carolina Gonçalves

Marcelo Chemin

RESUMO: O estudo se desenvolve a partir das perspectivas conceituais e teóricas dos autores Hayllar, Griffin, Edwards (2011) e Boullón (1990). O texto resulta de uma pesquisa mais ampla, realizada em nível de iniciação científica no litoral do Paraná, direcionada à interpretação das relações entre turismo e áreas urbanas. Pretende-se uma leitura espacial dos redutos do turismo em cidades desta tradicional região turística do Paraná. A pesquisa considera que o litoral paranaense os municípios balneários e suas orlas marítimas exercem influência predominante no arranjo espacial do turismo. Decorre disso um sub-aproveitamento de outras atrações em áreas urbanas, que acabam marginalizadas ou enquadradas como periféricas. O estudo apresenta resultados preliminares relacionados a etapa de embasamento teórico e conceitual. Apresenta breve panorama da proposta de Hayllar, Griffin, Edwards (2011) sobre as áreas funcionais turísticas e de Bullón (1990) a respeito dos espaços turísticos urbanos.

Palavras-chave: Áreas Funcionais Turísticas; Espaço Turístico Urbano; Litoral do Paraná; Cidades.

ABSTRACT: The study is developed from the conceptual and theoretical perspective of Hayllar, authors, Griffin, Edwards (2011) and Boullón (1990). The text results from a broader survey in undergraduate level in the coast of Paraná, directed to the interpretation of the relationship between tourism and urban areas. It is intended spatial reading of the tourism strongholds in the cities of this traditional tourist region of Paraná. The research finds that in the Paraná coast resorts municipalities and their costlines exert predominant influence on the spatial arrangement of tourism. It follows that a sub-utilization of other attractions in urban areas, which end up marginalized or classified as peripheral. The study presents preliminary results related to theoretical and conceptual foundation stage. Presents brief overview of the proposed Hayllar, Griffin, Edwards (2011) on the tourist functional areas and Boullón (1990) about the urban tourist areas.

Keywords: Tourist Functional Areas; Urban Tourist Space; Coast of Paraná, Cities.

1. INTRODUÇÃO

Os sete municípios que compõem o litoral paranaense ocupam cerca de 3% do território estadual e abrigam uma população estimada de 296.066 mil habitantes (IBGE, 2015), são eles: Antonina, Morretes, Paranaguá, Guaraqueçaba, Matinhos, Pontal do Paraná e Guaratuba.

Estudos como os de Estades (2003), Sampaio (2006) e Deschamps, Kleinke (2000), demonstram o litoral do Paraná como um região de conflitos ambientais e

socioeconômicos, com quadro de desigualdade social acentuado, em suma, alertam para o subdesenvolvimento desta região.

O litoral compõe a microrregião homogênea de Paranaguá, inseridos na mesorregião de Curitiba, capital do Paraná (ESTADES, 2003). Como meio de compreender o território, em termos socioeconômicos, a região dispõe de três grupos de perfil municipal, segundo interpretação de Estades (2003, p. 26-31) para explicar a configuração regional por conjuntos. Desse modo, é possível identificar municípios portuários, rurais e balneários. Os municípios portuários são representados por Antonina e Paranaguá, os rurais contemplados por Morretes e Guaraqueçaba. Por fim, a autora enquadra Guaratuba, Matinhos e Pontal do Paraná como os municípios balneários. Trata-se de características relacionadas à formação do território e vinculadas às ênfases da economia regional.

O litoral é uma região turística tradicional do Paraná, com imagem turística associada e elementos naturais, culturais e históricos, de projeção nacional e internacional. Apresenta um conjunto de 73 atrativos, que possibilitam o desenvolvimento de variados segmentos (PDTIS, 2009, p. 33). A Serra do Mar, declarada pela UNESCO em 1992 como Reserva da Biosfera da Mata Atlântica, pela sua diversidade e preservação de fauna e flora, tem destaque internacional.

Em Morretes e Antonina, a Serra do Mar e ecossistemas associados também são destaques como suporte para práticas relacionadas ao ecoturismo e turismo de aventura. Projetam tais municípios também equipamentos e atrativos como a Estrada da Graciosa, Caminho do Itupava, o Pico do Paraná, o Parque Estadual do Marumbi e a Estrada de Ferro Paranaguá-Curitiba, a primeira linha ferroviária do estado, obra de engenharia ímpar inaugurada no final do século XIX.

Na porção sul litoral se concentram os municípios balneários de Matinhos, Pontal do Paraná e Guaratuba. São dezenas de balneários, distribuídos linearmente na costa oceânica ao longo de aproximadamente 56km. Um reduto de balneários e do segmento do turismo de sol e praia. Assim como outros tantos balneários brasileiros e internacionais a dependência das temporadas de verão conduz a quedas acentuadas de fluxos no período de outono e inverno, meses de março a outubro mais precisamente, caracterizando nestes municípios uma forte sazonalidade turística.

Em Paranaguá, município de alta relevância histórica do sul brasileiro, uma das primeiras vilas coloniais do Brasil, conta com projeção internacional por ocasião da Ilha do Mel. Além disso, o município possui o maior conjunto arquitetônico e histórico do litoral, tombado nacionalmente. Em meio a exemplares de arquitetura civil, religiosa um centro histórico bastante dinâmico e ativo comercialmente.

Em Guaraqueçaba, o Parque Nacional do Superagui integra área considerada pela UNESCO como Sítio do Patrimônio Natural em 1999, Reserva da Biosfera em 1991 e Patrimônio Natural e Histórico do Paraná em 1970 (ICMBio, 2015).

O Estudo da Demanda Turística do Litoral do Paraná (2000-2006) indica 78% dos roteiros da região como procurados para visita que envolve atrativos culturais (material ou imaterial). A demanda maior dos visitantes é de Curitiba, média de 56,3%, seguido de outras cidades do Paraná. Mais de 80% da demanda regional viaja em família e já visitou o litoral mais de uma vez. De acordo com os dados da Secretaria de Estado do Turismo do Paraná (SETU) cerca de um milhão e quinhentos mil turistas visitam o litoral paranaense por ano, média que se manteve entre os anos de 1997 a 2006 (PDTIS, 2009, p. 37-45).

Visto tal panorama, é possível constatar este litoral contemplado por atrações tanto no âmbito natural como cultural e que têm a atividade turística um importante setor da economia regional. Embora disponha de atrações turísticas para segmentos como: ecoturismo, turismo de aventura, cultural, religioso, náutico, dentre outros, o maior destaque se atribui ao turismo de sol e praia.

Contudo, embora haja tal proeminência do turismo de sol e praia, o que acentua o papel das orlas e áreas urbanas imediatamente associadas, na configuração territorial e sua relação com o turismo, a estrutura desta atividade nas áreas urbanas dos sete municípios da região é um campo ainda pouco estudado e compreendido.

São raros os estudos que buscam compreender o turismo e suas intensidades de interferência espacial na configuração urbana para além dos seus redutos mais explícitos. Diante deste contexto, este estudo tem como premissa que a região não conta com estudos mais precisos dedicados a interpretação dos

espaços turísticos urbanos, apesar da influência do turismo na economia, cotidiano e paisagem da região.

Visto isto, este artigo apresenta resultados preliminares de uma pesquisa em nível de iniciação científica desenvolvida na Universidade Federal do Paraná, Setor Litoral. De modo mais preciso, apresenta-se parte da etapa de embasamento teórico e conceitual.

O objetivo da pesquisa é identificar e analisar a configuração dos espaços turísticos urbanos, a partir de referenciais como Hayllar e Griffin (2011) e Boullón (1990). A metodologia adotada para a realização do estudo combina os conceitos propostos por tais autores na delimitação e análise da configuração espacial. Mescla pesquisa bibliográfica e documental e reconhecimento das áreas em campo.

Espera-se como resultado uma avaliação da pertinência técnica destas referências teóricas para delineamento de espaços turísticos urbanos assim como uma interpretação de caráter técnico do espaço turístico do litoral paranaense. Ressalta-se que neste texto tratar-se-á das perspectivas conceituais e teóricas contidas nas obras de Hayllar, Edwards, Griffin (2011) e Boullón (1990).

2. TURISMO, ÁREAS URBANAS E ESPAÇOS TURÍSTICOS

O geógrafo Douglas Pearce (2003) é um reconhecido estudioso da estrutura espacial do turismo em áreas urbanas e áreas costeiras-resorts. Entre seus postulados considera que o estudo do turismo em áreas urbanas é menos visível do que o turismo em áreas costeiras-resorts.

As cidades e suas áreas urbanas integram parte fundamental do fenômeno e da dinâmica do turismo mundial. Segundo Pearce (2003, p. 333) a maioria das pesquisas nas “áreas urbanas se beneficiam de estudos de caráter mais longitudinal [...] a ênfase do lado da oferta precisa ser complementada por uma análise do comportamento espacial do turismo nesses cenários”.

O autor descreve, no entanto que parcela considerável dos estudos do turismo em áreas urbanas trabalham o turismo a partir de um interesse específico:

A maior parte da produção acadêmica sobre turismo urbano é fruto de um contínuo interesse pelos liames entre o turismo e o redesenvolvimento ou

conservação de centros urbanos [...] resultados de trabalhos sobre tópicos de interesse especial relacionado, como, por exemplo, restaurantes (PEARCE, 2003, p. 303).

Em se tratando de áreas urbanas e o dinamismo global que afeta e reconfigura permanentemente a cidade nos tempos atuais, importante considerar e atribuir breve destaque ao papel dos fluxos domésticos, que têm sido estimados pela OMT (2014) como cerca de dez vezes maior que o turismo internacional.

Assim como em outros países, o turismo em áreas urbanas influencia diversos setores e se mistura à dinâmica urbana no Brasil, sobretudo nas capitais, grandes e médias cidades. O turismo doméstico no Brasil tem crescido, conta com o perfil de público de classe média. Os números apresentam uma expansão de 12,5% de 2005 a 2007, período em que se registrou cerca de 156 milhões de viagens domésticas.

A taxa de permanência média é de 8,5 dias, e a título de exemplo, no ano de 2007 foram gerados 1,33 bilhão de pernoites. Ainda de acordo com a pesquisa do MTUR, o gasto médio por dia realizado pelos turistas foi de R\$ 58,60 em 2007, o que permite estimar R\$ 9,14 bilhões mobilizados pelo mercado do Turismo Doméstico no Brasil (MTUR, 2011-2014, p. 35).

Dito isso, na sequência seguem dois subcapítulos cujo objetivo é traçar um breve panorama de duas obras de caráter conceitual e teórico a respeito do turismo em áreas urbanas numa perspectiva espacial. O primeiro, baseado em Hayllar, Edwards, Griffin (20011), apresentará as áreas funcionais turísticas, já o segundo, baseado em Boullón (1990), que formulou uma teoria sobre o espaço turístico e também elementos para leitura e planejamento do espaço turístico urbano.

2.1 As Áreas Funcionais Turísticas

As “áreas funcionais turísticas” ou “área funcional urbana” como é chamada a expressão “urban tourism precinct” (HAYLLAR, GRIFFIN, EDWARDS, 2011) são áreas compartilhadas entre residentes e visitantes, espaços compartilhados com finalidades diferentes. Sua apresentação mais comum no Brasil se dá a partir de obra que tem título original *City Spaces, Tourist Places – Urban Tourism Precincts*.

Na versão em Português é apresentada como “Turismo em Cidades: Espaços Urbanos, Lugares Turísticos”.

As áreas funcionais muitas vezes se encontram despercebidas nas cidades. Nelas é possível identificar lugares específicos com estrutura e fluxos turísticos. O estudo das áreas funcionais considera que as atrações das áreas urbanas se tornaram de interesse para o estudo do turismo, pois residentes e turistas dividem os mesmo espaços, desde profissionais participando de eventos até grupos participantes de shows, ou apenas grupos a procura do lazer, o mesmo local proporciona experiências diferentes (HAYLLAR, GRIFFIN, EDWARDS, 2011).

O turismo, tanto na perspectiva da oferta quanto na da demanda, não se distribui de maneira uniforme e continua pela cidade; antes, concentra-se em regiões geográficas relativamente pequenas e bem distintas os – *precints* ou áreas funcionais – e a experiência do turista é a de deslocar-se entre essas áreas, em busca dos destaques da cidade (ALDRIGURI, HAYLLAR, GRIFFIN, 2011, p.02).

As áreas funcionais são locais de encontro e de orientação geográfica na cidade para os turistas, são locais que oferecem lazer, descanso e de forma autentica experiências na cidade aproveitando melhor a disposição e tempo do visitante, por fim, áreas que ofereçam oportunidade de convivência social com os moradores.

Inicialmente os estudos das áreas funcionais foram abordados na perspectiva geográfica e de planejamento urbano da cidade de forma mais técnica. Percebia-se como tendências que as áreas funcionais atraíam os visitantes, concentrando sua atenção em espaços considerados atrativos dentro da cidade, e proporcionavam também nesses espaços diversas atividades que contribuíam para a experiência do turista, mediante combinação de vários fatores (GRIFFIN e HAYLLAR, 2011, p. 26-31).

Existem territórios que podem ser reconhecidos como turísticos, por mais difícil que seja identificar função exclusivamente turística. Nesse sentido não é fácil distinguir o uso específico de espaços na experiência urbana do visitante (HAYLLAR, 2011).

As áreas funcionais turísticas contemplam duas tipologias sendo a descritiva e funcional. A tipologia descritiva de áreas funcionais turísticas, (GRIFFIN, HAYLLAR, EDWARDS, 2011, p. 24), conta com os seguintes elementos:

- Distrito recreativo de turismo ou de negócios;
- Áreas de comércio turístico;
- Centros históricos ou tombados;
- Regiões ou bairros étnicos;
- Regiões ou bairros culturais;
- Regiões de entretenimento;
- Zonas de vida noturna;
- *Waterfronts* (locais da cidade de frente para um lago, porto ou rio);
- Áreas de eventos.

As tipologias funcionais das áreas (GRIFFIN, HAYLLAR, EDWARDS, 2011, p.36) dividem-se em nove unidades:

- Local de reuniões;
- Local de orientação;
- Zonas de conforto;
- Locais de descanso;
- Espaços de descontração;
- Pontos de encontro;
- Zonas de intimidade;
- Zonas de autenticidade;
- Zonas de distinção e contraste.

Griffin, Hayllar, Edwards (2011, p. 32) explicam as funções das áreas funcionais e suas características principais, são elas:

- a) **Funções Facilitadoras:** Corresponde a infraestrutura básica que o turista necessita quando se encontra em um ambiente estranho, como, por exemplo, segurança. As áreas funcionais turísticas são pontos de referência nas cidades se tornam pontos facilitadores para orientação do espaço, são pontos de encontro, e em um mesmo ambiente sendo possível atender públicos com objetivos diferentes.
- b) **Funções Externas ou de Fortalecimentos de Vínculo:** O segundo eixo do grupo que aborda as principais funções das áreas funcionais, está relacionado em proporcionar um espaço para que o visitante possa apreciar/sentir de forma particular a autenticidade da cidade, muitas vezes o visitante tem pouco tempo de estada, não sendo suficiente para conhecer todos os aspectos da cidade ou país, a função de fortalecimento de vínculo é que naquela área funcional o turista consiga captar uma leitura geral da imagem da cidade, aproximando-o mais da história, ou do perfil da cidade visitada.
- c) **Funções Internas ou de Estado de Espírito:** Em geral é o modo que as áreas funcionais fazem os visitantes se sentirem dentro da cidade (GRIFFIN, HAYLLAR, EDWARDS, 2011). Essa terceira função traz para o contexto do turismo urbano a vida cotidiana da cidade, o contato do visitante com o real, aqueles que buscam de forma a completar sua estada vínculos com moradores e até outros turistas na expectativa de novas experiências pessoais, como uma feira tradicional na cidade que atrai tanto moradores e visitantes proporcionando trocas de saberes e vivência cultural a partir das manifestações existentes no espaço, a liberdade de se descontraírem com a cidade sentindo-se parte sem invadir o espaço do residente.

As áreas funcionais podem cumprir múltiplas funções, nesses espaços existem pontos predominantes como culturais, urbanos ou paisagísticos e normalmente abrem oportunidades para que economia local usufrua da atividade turística.

2.2 O Espaço Turístico Urbano

A maior parte da população mundial concentra-se em áreas urbanas. As cidades são construídas inicialmente com a finalidade de habitar, nelas são criadas características que atraem seus visitantes e ao serem representadas, como nas fotografias, dependendo da sua popularização e atratividade, são reconhecidas por diferentes grupos em diferentes lugares do mundo, via aspectos físicos e arquitetônicos (BOULLÓN, 1990).

Segundo Boullón (1990) existem dois grupos importantes que são referência da leitura das cidades: os objetos, edifícios, artefatos e os espaços abertos. Baseado em reconhecida obra de Kevin Lynch, o autor interpreta os elementos de estruturação que formam a imagem da cidade:

- a) **Espaços Abertos:** Espaços de uso público em que turistas e residentes compartilham livremente como um parque, jardim, zoológico, praça, uma galeria, uma feira, finalidades com o uso para turistas e residentes (BOULLÓN, 1990, p. 168).
- b) **Mojones:** Na interpretação de Boullón (1990), os *Mojones* ou na tradução em português os “Marcos”, são os espaços com representatividade visual, objetos, artefatos urbanos ou edifícios que por sua dimensão ou a qualidade da forma e posição atuam como referência na cidade, tanto para turistas como residentes (BOULLÓN, 1990, p. 170). Existem os Marcos locais e gerais, os locais são aqueles que possuem representatividade para os residentes, mas despercebidos pelos turistas.
- c) **Bairros:** São espaços que são reconhecidos pelos turistas atrativamente. Dentro da cidade podem existir bairros de várias extensões, com destaques gastronômicos ou que sejam atrativamente culturais, por manifestações ou resistência arquitetônica ao desenvolvimento urbano, bairros tradicionais. Boullón (1990) explica que estes podem se organizar na cidades, criando informativos turísticos relacionados com o seu espaço, objetivando flexibilidade e organização, aumentando a eficiência das informações para o turista, com potencial de integração com *city tours*.

- d) **Bairros – Setores:** Menores que os bairros, porém com as mesmas características, os Setores são formados por três ou quatro quadras. São promovidos turisticamente com a finalidade incentivo à preservação do espaço (BOULLÓN, 1990, p. 177).
- e) **Bordas ou Margens de Separação:** São elementos que marcam a separação entre duas partes da cidade, mediante aspectos paisagísticos urbanos que se modificam como sair de um centro turístico para um bairro tradicional. É comum a existência dessas Bordas em cidades litorâneas, pois são “claramente definida, que se acentua quando a última faixa de concentração da cidade é uma avenida costeira” (BOULLÓN, 1990, p. 179).
- f) **Vias de Acesso e Circulação:** São as principais vias de trânsito que são acesso aos atrativos e aos pontos principais da cidade, alguns caminhos demarcados como roteiros turísticos. Segundo Boullón (1990, p. 182) um roteiro pode ser importante por duas razões, pelos pontos e lugares que une e por si mesmo.

Esses elementos tem influência sobre a formação da imagem do espaço turístico urbano. Dentro desses seis eixos existem campos de aplicação: tipo de urbanização, nível socioeconômico dos edifícios, estilo arquitetônico, tipografia, tipos de ruas, pavimentos e tipo de áreas de descanso.

Internamente ao campo de aplicação, além da estruturação da imagem do espaço turístico urbano, Boullón (1990, p. 185) descreve trinta modos para obter uma definição precisa da paisagem urbana além de identificar, mapear e demonstrar como estrutura-se, com relação ao planejamento. Nesse sentido, o autor aborda a importância da percepção do visitante, a relação com a experiência e imagem dos turistas, e como esses conjuntos de atrativos urbanos são importante após serem definidos.

No entendimento de Boullón (1990) o turista vivencia frações da cidade. Demarca pontos de interesse e para chegar ao seu objetivo, convive de forma simples ou intensa com algumas áreas urbanas comuns que fazem ligação com seu objetivo final, como um terminal rodoviário, por exemplo. Essas áreas de uso intenso são chamadas pelo autor de áreas gravitacionais (1990, p. 211).

As áreas gravitacionais são classificadas em quatro tipos: estações terminais dos sistemas de transportes, zonas de concentração de empreendimento turístico e outros serviços urbanos, atrativos turísticos urbanos, caminhos que conduzem aos atrativos.

Os sistemas de transportes incluem o terrestre, ferroviário e marítimo, as zonas de empreendimentos turísticos. Já os atrativos turísticos se localizam em diferentes locais da cidade, podendo ser alcançados por diferentes vias de circulação, dependendo do tempo e objetivo.

O autor observa que a pouca fiscalização urbana e crescimento da população com a interferência de diversas culturas causou perdas irreversíveis a patrimônios arquitetônicos urbanos. Ais que ainda resistem, muitos estão deslocados em meio a edifícios sem valores estéticos.

Diante disso e de recursos apropriados para entender as áreas urbanas e suas relações com o turismo, faz-se necessário planejamento direcionado à identificação dos espaços de domínio de atrativos turísticos e as áreas que vão servir de apoio completar para os atrativos dentro das cidades. Um atrativo que liga visualmente a outro seria o ideal, como uma rede de ligação, deve-se analisar cada elemento que possa interferir ou valorizar no espaço dos atrativos. Neste ambiente, instituições públicas e privadas necessitam trabalhar juntas, para melhor desenvolvimento da área.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante a revisão das obras dos autores Hayllar, Griffim e Edwards (2011) e Boullón (1990) foi possível notar uma mesma preocupação: a de se identificar e demarcar os redutos do turismo em áreas urbanas.

Os autores reforçam tópicos como a importância da identificação dos espaços turísticos da cidade, apontado como o passo inicial de qualquer processo de planejamento. Posteriormente tal conhecimento tem grande potencial para influenciar em melhorias para a cidade.

Outro aspecto em comum é que ambos os autores comentam sobre a importância dos equipamentos e infraestrutura de apoio para as áreas atrativas,

aspectos essenciais que contribuem para a formação da imagem da cidade para o turista.

O estudo das áreas funcionais enfatiza os espaços particulares do turismo da cidade permitindo estabelecer conexões com o urbano. No entanto, há momentos em que os espaços turísticos são abordados como experiências que ficam afastadas do cotidiano. Algumas áreas funcionais turísticas se apresentam como completas para os turistas, outras não possuem tanto destaque, apresentando somente algumas das suas funções.

Algumas cidades organizaram áreas funcionais turísticas urbanas para complementar atrações já existentes, outras contribuíram para criar novas atrações. As áreas funcionais podem atuar como objetivos para o desenvolvimento de projetos como meio que visam a modificação da imagem da cidade, meio de reverter deterioração de áreas industriais, por exemplo.

De outra parte, ambas as obras conduzem a tipologias e conceitos para interpretação das áreas urbanas. Ao comparar tais recursos conceituais e tipologias sobre as áreas funcionais turísticas urbanas e o espaço turístico urbano de Boullón (1990), nota-se que existem elementos que se conectam, podendo ser operados juntos em estudos empíricos, ou seja, há potencial de complementação.

Sendo assim, através deste estudo inicial percebe-se a possibilidade de trabalhar as duas obras relatadas em conjunto no litoral paranaense. É possível avançar com tal perspectiva, mediante formação de uma matriz conceitual e um quadro tipológico para trabalhos de campo, coleta e análise de dados.

4. REFERÊNCIAS

BOULLÓN, R. **Planificación del Espacio Turístico**. México: Editora Trillas, 1990.

DESCHAMPS, M, V. KLEINKE, M, L, U. **Os Fluxos Migratórios e as Mudanças Socioespaciais na Ocupação Contínua Litorânea do Paraná**. Paraná. Desenvolvimento, Curitiba, n. 99, p. 45-59, jul./dez. 2000.

ESTADES, N, P. **O Litoral do Paraná, Entre a Riqueza Nacional e a Pobreza Social**. Desenvolvimento e Meio Ambiente, Curitiba, Editora UFPR, nº 08, 2003, p. 25-41.

HAYLLAR. **Bruce Hayllar, Referências, Carreira.** Disponível em: <<http://www.uts.edu.au/staff/bruce.hayllar>>. Acesso em: 15 mar. 2016.

HAYLLAR, B.; GRIFFIN, T.; EDWARDS, D. Turismo em Áreas Urbanas: Compreendendo o Campo de Estudo. In: HAYLLAR, B.; GRIFFIN, T.; EDWARDS, D.; ALDRIGUI, M. **Turismo em Cidades: Espaços Urbanos, Lugares Turísticos.** Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.

IBGE, **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Litoral do Paraná.** Censo 2015. Acesso em: 05 mar. 2016.

MTUR. **Documento Referencial, Turismo no Brasil 2011-2014.** Disponível em: <http://www.turismo.gov.br/sites/default/turismo/o_ministerio/publicacoes/downloads_publicacoes/Documento_Referencial_Turismo_no_Brasil_2011-2014.pdf>. Acesso em: 14 mai. 2016.

PDITS: **Plano de Desenvolvimento Integrado do Turismo Sustentável, Polo Litoral Paranaense, 2009.** Disponível em: <<http://www.turismo.pr.gov.br/arquivos/File/setu/pdf/institucional/PDTISProdutoLitoral.pdf>>. Acesso em: 05 mar. 2016.

PEARCE, G, D. **Geografia do Turismo, Fluxos e Regiões no Mercado de Viagens.** São Paulo: Aleph LTDA, 2003. Capítulo 9: Resorts Costeiros e Áreas Urbanas, p. 281.

SETU: **Estudo da Demanda Turística do Litoral do Paraná, 2000-2006.** Secretaria de Turismo do Estado do Paraná: 2006. Disponível em: <http://www.turismo.pr.gov.br/arquivos/File/estatisticas_2012/Litoral_2000_2006.pdf>. Acesso em: 03 mar. 2016.

SAMPAIO, R. **Ocupação das Orlas das Praias Paranaenses pelo Uso Balneário.** Curitiba, 2006. Tese (Doutorado em Meio Ambiente e Desenvolvimento) – Universidade Federal d Paraná, 2006, p. 170-185.

SETU: **Paraná, Estudo Estatístico de 20 Anos do Turismo.** Secretaria de Turismo do Estado do Paraná: 2014. Disponível em: <http://www.turismo.pr.gov.br/arquivos/File/Paraná_Estudo_Estatico_20_anos_Turismo_1.pdf>. Acesso em: 03 mar. 2016.